

Dois livros recentes publicados sob a direcção de Yvette Veyret¹

Fernando Rebelo

Datados de 2004 e, curiosamente, com o mesmo título, *Les Risques*, foram publicados em Paris dois livros sob a direcção de Yvette Veyret, Geógrafa e Professora da Universidade de Paris X.

O mais pequeno (205 páginas), integrado na Coleção *Amphi Géographie*, da Editora Bréal, feito a pensar na preparação de candidatos ao concurso para recrutamento de professores do ensino secundário em França, com prefácio de Yvette Veyret, é, sob a sua direcção, assinado por Stéphanie Beucher e Magali Reghezza.

Salientam-se, antes de mais, as qualidades didácticas que apresenta. Dividido em três partes – “Comprendre”, “Rechercher” e “S’entraîner” – é enriquecido com 25 documentos, que podem corresponder a quadros-síntese, a textos explicativos relacionados com diferentes componentes da problemática dos riscos ou a textos ilustrativos de manifestações de riscos. Entre eles, o documento 2 é particularmente interessante – “Voltaire, Rousseau et le désastre de Lisbonne”. Trata-se de um poema de Voltaire a propósito do terramoto de 1755 e da carta-resposta que mereceu de Rousseau. Um documento duplo que permite deduzir como a interpretação da catástrofe por estas duas personalidades da cultura europeia do século XVIII se tornou decisiva para uma nova atitude perante os riscos. Lembrámo-nos, então, de Georges-Yves Kervenn e Patrick Rubise em *L’Archipel du Danger* (Paris, *Económica*, 1991, 444 p.), quando falam da “idade dos neurónios”, contrapondo-a à anterior “idade das lágrimas”, referindo o contraste entre as interpretações de Voltaire, responsabilizando a Natureza, e de Rousseau, responsabilizando os homens (p. 8).

Alguns bibliografia é indicada desde início (p. 44-47). No entanto, através de um conjunto a que as autoras chamaram “dossiers” (p. 180-202), irão aparecer extractos de diversos livros de vários outros autores, alguns bem conhecidos, que também foram sensíveis à presença de riscos ou a manifestações de riscos em crises de maior ou menor dimensão. De gran-

de importância é a inclusão de textos críticos para afirmações constantemente repetidas nos órgãos de comunicação social. É o caso do texto extraído de um livro de Jean Darrangeot em que o autor alinha vários argumentos no sentido de desdramatizar o tão falado “aquecimento global” e conclui dizendo que “não está cientificamente demonstrado que o planeta esteja em vias de reaquecimento” (p. 192). Se fomos confirmar, veremos que esta frase conclusiva é atribuída pelo autor a outro grande geógrafo francês, Jean Thicart, com o qual, naturalmente, concorda (Jean Darrangeot, *Les milieux “naturels” du globe*. Paris, Colin, 1996, 337 p., 6e éd., p. 295-296).

Embora escrito a pensar em França e nos franceses, é um livro eficaz, muito seguro a nível dos conceitos, e traz exemplos de riscos em todo o mundo, não deixando de falar nos temas mais controversos. Pequeno, mas rico em substância, *Les Risques* termina (p. 203-205) com um glossário muito útil para quem não domina estas matérias, mas gosta ou tem, mesmo, de se referir a elas com frequência.

O outro, maior no formato e no número de páginas (255 páginas), publicado sob a chancela da SEDES na sua colecção “Dossiers des Images Économiques du Monde” (DIEM), é uma obra colectiva, da responsabilidade de onze autores, aí incluindo Yvette Veyret, que assina a Introdução (p. 5-13) e, com Nancy Meschiné de Richmond, assina a primeira parte, “Le risque, les risques” (p. 15-39). Constituída por três capítulos, esta primeira parte do livro apresenta e discute tudo aquilo a que costumamos chamar “teoria do risco”, sendo aí salientados os riscos mais importantes, sejam eles naturais, tecnológicos ou sociais. É, portanto, a abertura essencial para a leitura dos capítulos que se seguem e que estão agrupados em mais

¹ VEYRET, Yvette, direction de (2004) – *Les Risques*. Rosny-sous-Bois, Bréal, *Amphi Géographie*, 205 p.

VEYRET, Yvette, direction de (2004) – *Les Risques*. Paris, SEDES/WUEF, *Dossiers des Images Économiques du Monde*, 255 p.

três partes: "Les risques dans les pays en développement", "Les risques dans les pays riches" e "Risque économique et risque social".

Também são três os capítulos da segunda parte. Jean-Claude Thouret trata da avaliação, prevenção e gestão dos riscos naturais nas cidades da América Latina, Luc Carbrézy e Pierre Janin escrevem sobre o risco alimentar em África e Yannick Glemarec debruça-se sobre o papel das instituições internacionais na prevenção e domínio dos riscos, dando como exemplo o Bangladesh.

Yvette Veyret aparece de novo como co-autora de dois dos cinco capítulos da terceira parte. Com Nancy Meschinot de Richmond escreve sobre os riscos naturais em França e sobre os riscos naturais na Europa. Os outros três são da responsabilidade de Jacques

Donze, que se refere ao risco industrial em França, Philippe Pelletier, que tenta responder à sua própria pergunta - "Le Japon sans risques?" - e Jacques Haude, que desenvolve o tema dos riscos naturais nos Estados Unidos da América.

Os dois capítulos que constituem a quarta parte são tratados por François Bost (riscos económicos) e por Hervé Vieillard-Baron (riscos sociais).

Independentemente das bibliografias específicas que acompanham os diversos capítulos e que correspondem à identificação das referências dos autores citados, *Les Risques* termina com uma Bibliografia geral, que, não sendo exaustiva, é demonstrativa da importância de uma escola francesa que se vem consolidando na área dos riscos.

Dois "dossiers" de características diferentes sobre riscos²

Fernando Rebelo

1. Jocelyne Dubois-Maury apresentava-se como jurista de formação, ensinando no Instituto de Urbanismo de Paris, quando publicou, com Claude Chaline, o conhecido livro *La ville et ses dangers* (Paris, Masson, 1994, 251 p.). Onze anos depois, docente do mesmo Instituto da Universidade de Paris XII, Val de Marne, organizou o "dossier" *Les risques naturels et technologiques* (Paris, La Documentation Française, 908, 2005, 120 p.) recorrendo a textos de numerosos especialistas. De sua responsabilidade é, também, o prefácio ("Avant-propos"), onde fala de riscos maiores e de novos riscos, bem como da evolução dos níveis de resposta aos problemas que cada vez mais se colocam à sociedade. Estará de novo com Claude Chaline num texto sobre a vulnerabilidade dos espaços urbanos às catástrofes naturais (p. 24-27), e como único autor num texto sobre a dialéctica entre prevenção e indemnização dos danos (p. 85-89).

Os textos escolhidos encontram-se agrupados em quatro conjuntos - "Les risques, enjeux de société", "Risques naturels et vulnérabilités territoriales", "Risques technologiques: des impacts diversifiés" e "Politiques publiques: prévention et précaution". Para cada conjunto, são apresentados textos extraídos de trabalhos diversos de numerosos autores. Entre eles, encontram-se nomes bem conhecidos como os de Ulrich Beck,

Yvette Veyret, André Dauphiné ou Claude Allègre.

Este número de *La Documentation Française* que, logo na capa, se anuncia como pertencendo a uma colecção denominada "Problèmes politiques et sociaux", é de uma enorme riqueza para apoio de quem tenha de trabalhar na área dos riscos. Entendendo os riscos como uma relação entre "aléa" ou "hazard" e vulnerabilidade, não há dúvidas quanto à importância que tem de ser dada às características da presença do homem nas áreas em que os processos naturais e tecnológicos se podem tornar perigosos. Esta temática é suficientemente reflectida no "dossier". Quando não o é, deixam-se tópicos bastantes para que o próprio leitor reflecta.

2. De muito maior dimensão é o livro *La géographie des risques dans le monde*, editado sob a direcção de Gabriel Wackermann (Paris, Ellipses Ed., Carrefours, Les Dossiers, 2005, 501 p., 2e édition mise à jour). Trata-se de uma apresentação de 20 "dossiers" organizados em conjuntos ou "partes", que movimentou um número elevado de investigadores.

A primeira parte, intitulada "Approche d'ensemble" é constituída por dois "dossiers", um sobre a problemática geral, assinado por Wackermann, que, antes, também assinara a introdução, e outro sobre riscos e "aléas" naturais protohistóricos e históricos no Mediterrâneo, da autoria de Julien Mathieu.

A segunda parte, "Risques naturels ou à dominante

² DUBOIS-MAURY, Jocelyne, dir. de (2005) - *Les risques naturels et technologiques*. Paris, La Documentation Française, Problèmes politiques et sociaux, 908, Janvier 2005, 120 p.

WACKERMANN, Gabriel, dir. de (2005) - *La géographie des risques dans le monde*. Paris, Ellipses Ed., Carrefours, Les Dossiers, 501 p. (2e édition mise à jour)

naturelle", junta seis "dossiers". Trata-se de riscos geodinâmicos em geral (Gérard Mottet), de risco vulcânico na Martinica (Frédéric Leone e Thierry Lesales), de florestas, incêndios e tempestades (Jean-Paul Arat, Paul Amoult e Micheline H tyat), de riscos em montanha (Henri Rougier), de como travar a erosão na montanha (Jean-Pierre Husson) e de riscos em baixos planaltos e bacias em domínios temperados (Gérard Hugonie).

Cinco "dossiers" compõem a terceira parte - "Risques zonaux ou r gionaux é dominante naturelle" - desertifica o em meios secos (Monique Maignet), riscos e catástrofes no espaço caribenho ( ric Lambourdi re), riscos em países mediterrâneos (Gérard Hugonie), riscos em sistemas de grandes agricultura (Jean-Pierre Husson e Marc Beno t) e riscos em  le-de-France (Alexandre Wolff).

A quarta parte - "Risques d mographiques" - oferece apenas dois "dossiers", um sobre riscos sanitários (Jeanne-Marie Arat-Roze) e outro sobre a hipótese de existir um risco de sobrepopula o (Gérard-François Duront).

Finalmente, a quinta parte - "Risques proprement anthropiques" - apresenta cinco "dossiers", um sobre riscos ligados à sociedade urbanizada (assinado também por Gabriel Wackermann), outro sobre a vulnerabilidade das grandes cidades (Jacques Bonnet), outro sobre riscos tecnológicos (Jacques Donze), outro sobre o risco social urbano (Frank Riboulon) e o último sobre os "altos riscos" que giram em torno dos monumentos e das paisagens considerados patrim nio mundial da humanidade.

3. Não se afigura legítima a compara o entre estes dois livros chamados "dossiers". O primeiro, como tal assumido na capa ("Dossier réalisé par Jocelyne Dubois-Maury"), aparece-nos como um conjunto devidamente ordenado de textos já publicados. O segundo, assumido quando considera "dossiers" aquilo a que chamaríamos, normalmente, "capítulos", é muito mais do que um "dossier" ou conjunto de "dossiers". Cada "dossier"   um ensaio original, quase sempre com muita informa o e reflexão. Corresponde a textos em que a Geografia está presente no modo como se apresentam os processos potencialmente perigosos, os "al as", e no modo como se trata de vulnerabilidades. Alguns dos "dossiers" são ilustrados com cartografia - os textos em que se referem os sismos no Japão e o sismo de Dezembro de 2004 em Sumatra, que esteve na origem do "tsunami" do Índico, são apoiados por cartogramas explicando os respectivos enquadramentos estruturais. Cartogramas e desenhos esquemáticos aparecem em vários dos trabalhos, seja a propósito de casos concretos de manifesta es vulcânicas, seja a propósito de avalanches ou de movimentos de vertente.

Les risques naturels et technologiques e *La géographie des risques dans le monde* são dois livros importantes para acompanhar quem queira estudar riscos, que mostram bem quanto se avançou em França na reflexão sobre riscos desde fins dos anos 1980, início dos anos 1990 (cfr. F. REBELO, 2005³).

Dois livros sobre riscos naturais assinados por Jorge Olcina Cantos⁴

Fernando Rebelo

Riesgos Naturales? É o título-pergunta de dois livros publicados em 2006 pela Editorial Da Vinci, de Matar , assinados por Jorge Olcina Cantos, Catedrático de Geografia Regional da Universidade de Alicante. O primeiro trata de secas e inunda es, ocupando 220 páginas; o segundo trata de furacões, sismicidade e temporais, estendendo-se por 205 páginas.

A pergunta   cada vez mais pertinente. Será que quando falamos daqueles fen menos naturais estamos à partida a falar de riscos? Será que não os estudamos no âmbito da Geografia Física como fen menos, independentemente da presença ou da ausência do

homem? Sim e não. Sim, quando os estudamos na maioria dos livros da especialidade. No entanto, Alfredo Fernandes Martins (1916-1982), geógrafo e professor da Universidade de Coimbra, ao leccionar Geografia Física, começando pela Climatologia, costumava dizer que não. Dizia, então, nas suas aulas, que só a presença do homem justifica que se estude Climatologia no quadro da Geografia. Porque a Geografia é um todo. Porque a separa o entre Física e Humana só se deve aceitar por uma questão de siste-

³ REBELO, Fernando (2005) - *Uma experiência europeia em riscos naturais*. Coimbra, MinervaCoimbra, 123 p. + 23 fotografias.

⁴ OLCINA CANTOS, Jorge (2006) - *Riesgos Naturales? I - Sequias e Inundaciones*. Matar , Editorial Da Vinci, Colección GEOAMBIENTE XXI, 220 p.

OLCINA CANTOS, Jorge (2006) - *Riesgos Naturales? II - Huracanes, Sismicidad y Temporales*. Matar , Editorial Da Vinci, Colección GEOAMBIENTE XXI, 205 p.

matização. Afastamos uma da outra para compreender os factos e os fenómenos, mas devemos entrecruzá-las para compreender o essencial. E o essencial é a distribuição do Homem à face da Terra.

Uma seca só constitui risco se o Homem está presente. E será um risco muito elevado quando há muitas pessoas, consumindo muita água, numa área em que a seca pode acontecer com facilidade.

Quase o mesmo se dirá para as inundações. Numa planície aluvial, as cheias podem acarretar inundações. Os geógrafos falam de leito ordinário e de leito de inundações. Que risco haverá se o Homem não ocupar esses espaços que pertencem ao rio? Mas o risco será tanto maior, quanto mais ocupados estiverem por uma população desprotegida. E isto é válido para as planícies fluviais, como para as planícies litorais ou para as áreas sísmicas. Antigamente, por exemplo, só se sabia da existência de um furacão ou de um terramoto quando a população era atingida. E às vezes só se sabia muito tempo depois. Nem sempre existiram satélites ou, mesmo, radares para detectar e acompanhar furacões desde o seu início.. Nem sempre existiu uma rede de sismógrafos capaz de localizar epicentros de terramotos em poucos minutos..

Em todos estes casos, a noção de vulnerabilidade aparece com maior importância do que a de ordem de grandeza do fenómeno. Muitas pessoas, indefesas ou mal defendidas, poderão ser vítimas da ocorrência de fenómenos naturais que, mesmo ao lado, a outras pessoas, bem protegidas, nem sequer criem problemas. Será então razoável perguntar se estamos perante riscos realmente naturais.

Jorge Olcina mostra-se, logo no primeiro livro, um geógrafo de largos conhecimentos sobre tudo o que respeita a secas e inundações, em Espanha e no Mundo. E divide aquele que chama Tomo I em três capítulos – (1) "Una sociedad arriesgada en un mundo de peligros", (2) "Un riesgo silencioso pero constante" e (3) "El agua, fuerza impetuosa". Acrescenta três anexos, dois deles com números de vítimas de catástrofes (ditas) naturais. O terceiro corresponde à "Directiva del Parlamento Europeo y del Consejo relativa a la evaluación y gestión de las inundaciones".

No Tomo II, Jorge Olcina volta a demonstrar profundos conhecimentos sobre a matéria a que se dedica, dividindo-o em quatro capítulos – (1) "Ciclones tropicales: depresiones mortíferas", (2) "La tierra se mueve.. y tiembla. Terremotos, volcanes y maremotos", (3) "Y hay más riesgos naturales" e (4) "Amo de conclusión: el estudio de los riesgos naturales, un compromiso ético". Com um título assim, este último capítulo traz, forçosamente, muita matéria para reflexão. Fiquemo-nos, apenas, por estas afirmações: "El respecto a la vida es lo más importante de la existencia del ser humano sobre la Tierra. La Naturaleza ofrece bondades y dificultades y está ahí para ser respectada. El riesgo es un aspecto condigno a la vida." (p. 200) . Seguem-se outras palavras que são a consequência destas.

Livros de texto para estudo de alguns dos riscos maiores que se colocam em muitos pontos do globo, os dois livros de Jorge Olcina lêem-se com facilidade e proveito.